



<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/desdobramentos-fluvio-epistemicos/>

Desdobramentos flúvio-epistêmicos das espiritualidades ancestrais: afluentes na Tanakh a Bíblia, Oxum e povos do grupo Tukano Oriental

Emanuely Miranda[1]

Gabriel D. Gruber[2]

RESUMO: O presente artigo se propõe a questionar parâmetros da Ciência através de um exercício de decolonialização epistêmica ativando saberes e afetos do conhecimento e da experiência espiritual com os rios. Buscando reativar toda a potência dos rios em suas confluências cósmicas com toda a terra/Terra, do qual somos parte, abrimos afluentes para analisar as tradições da Tanakh e da Bíblia, de Oxum, e dos povos indígenas do grupo Tukano Oriental. Por fim, oferecemos o convite de um flúvio-epistemologia para um serpentear pelos dias, proliferar correntezas, culminar rotas e regar caminhos nestes tempos.

PALAVRAS-CHAVE: Decolonialidade. Espiritualidade. Rios.

Desarrollos fluvio-epistémicos de espiritualidades ancestrales: afluentes en el Tanakh a la Biblia, Oxum y pueblos del grupo Tukano Oriental.

ABSTRACT OU RESUMEN: Este artículo se propone cuestionar los parámetros de la Ciencia a través de un ejercicio de descolonización epistémica mediante la activación de los saberes y afectos del conocimiento espiritual con los ríos. Buscando reactivar todo el poder de los ríos en su confluencia cósmica con toda la Naturaleza, de la que formamos parte, abrimos afluentes para analizar las



tradiciones del Tanaj y la Biblia, de Oxum, y de los pueblos indígenas del grupo Tukano Oriental con los ríos. Finalmente, ofrecemos la invitación de una río-epistemología para serpentear a través de los días, proliferar corrientes, culminar rutas y caminos del agua en estos tiempos.

PALABRAS CLAVE: Decolonialidad. Espiritualidad. Ríos.

Introdução: decolonização epistêmica

Quais são as preocupações e perspectivas que movem aquilo que nomeamos como ciência? Tatear a resposta para essa pergunta nos leva à percepção de que o fazer científico não escapa de manifestar e reproduzir as desigualdades e a colonização que nos estruturaram e continuam a nos estruturar. Por conta disso, no ensaio *Reativar o Animismo*, a filósofa Isabelle Stengers (2017) experimenta chamar a ciência de Ciência.

Aparentemente se trata da mesma palavra, mas há uma diferença que aponta para a intenção da filósofa com essa nomeação: a letra maiúscula sinaliza a forja de uma hierarquia de conhecimentos. Stengers (2017) ainda chama a atenção para o fato de que a palavra está no singular. Então, a hierarquia de conhecimentos escalona para um totalitarismo de um só saber: aquele que é considerado científico.

O totalitarismo, por sua vez, opera a partir de noções de desenvolvimento que classificam modos de pensar e existir a partir de critérios racionais e objetivos. “aquilo a que se chama Ciência, ou a ideia de uma racionalidade científica hegemônica, pode ser entendido em si mesmo como produto de um processo de colonização” (Stengers, 2017, p. 4). Nesse sentido, a filósofa comenta sobre um julgamento atribuído a povos cujas existências e epistemes não cabem dentro do estreito confinamento da razão. Esse funcionamento manifesta uma prática exposta por Carneiro (2005) como epistemicídio.

No entanto, antes de se enveredar pelo que vem a ser epistemicídio, torna-se importante saber do que se trata um conceito ainda anterior: a epistemologia. Segundo a teóloga Ivone Gebara (1997), trata-se do conhecimento sobre o conhecimento. Aqui, nos arriscamos a dizer que se trata sobre a perspectiva pela qual escolhemos conhecer, entender, experimentar e sentir as coisas, os



acontecimentos, os seres, as forças, os gestos. Nesse caso, na cena da Ciência nomeada por Stengers (2017), há apenas uma perspectiva em articulação.

Para Gebara (1997), aí está um problema, pois a epistemologia, de acordo com suas palavras, implica em uma postura diante da vida e deságua torrencialmente na coletividade. Ela mesma expõe o fato de que, em nossa tradição científica ocidental e racional, a perspectiva tem base na humanidade, na masculinidade e na branquitude. Há questões especistas, misóginas e racistas circulando e determinando qual saber é válido, bem com qual deixa de ser. “Quando se fala em conhecimento científico, filosófico, teológico ou apenas conhecimento verdadeiro, a referência era o conhecimento realizado e divulgado por homens” (Gebara, 1997, p. 33). É exatamente assim que opera o epistemicídio.

Voltando a Carneiro (2005), para ela, o epistemicídio envolve tanto a anulação quanto a desqualificação do conhecimento de povos dominados. “(...) opera em estreita consonância com o dispositivo de racialidade” (Carneiro, 2005, p. 61). Ele seria, portanto, uma tática de colonização que jamais se encerrou e se torna constantemente atualizada e infiltrada entre nós.

Silva (2018) faz coro ao expor a operação do racismo e do sexismo sobre as epistemologias nas universidades brasileiras, dominando-as com a universalização de uma razão branco-ocidental. Se antes a colonização impunha sua epistemologia através do totalitarismo religioso, agora ela impõe sua racionalidade neo-iluminista.

O filósofo indígena Álvaro Gonzaga (2022) volta os olhos ao passado e sinaliza uma relação entre iluminismo e colonização. “a Modernidade ocidental constitui um processo civilizatório dominante que reivindicou para si a universalidade no momento de seu violento encontro com o “outro” e o subsequente encobrimento dessa violência” (Gonzaga, 2022, p. 125). Ele prossegue explicando que, a partir da invasão das Américas, houve o extermínio dos povos indígenas, mas também de seus conhecimentos e formas de estar no mundo. Em entrevista a Miranda (2024), Valdelice Verón, liderança indígena Guaraní-Kaiowá, vai se referir a tudo isso como genocídio, ecocídio e, claro, epistemicídio.

Embora a colonização não seja mais formalizada, ela nunca deixou de acontecer. As violências citadas por Valdelice Verón, em entrevista à Miranda (2024), ainda estão entre nós: nas cidades,



nas florestas, nos governos, nas universidades. Em todos esses lugares, a imposição de um único jeito de pensar perpetua a superestima da razão - humana, masculina, branca e ocidental - que herdamos, com muito custo, do Iluminismo. “Diante de tudo isso nos perguntamos o que esse modelo moderno-colonial de universidade europeia copiada para o Brasil, nos tirou? Nos tirou por exemplo, o lugar importante que a espiritualidade exercia na epistemologia europeia pré-iluminista” (Silva, 2018, p. 55)

Em seu funcionamento, o epistemicídio produz uma sequência de binarismos e rompe relações com forças e seres, classificando-os como contrários à racionalidade e àquilo que foi determinado como o tal do fazer científico. Com isso, a espiritualidade foi posta como oposta à Ciência. Reproduzindo noções iluministas, houve a manipulação de uma inconciliação entre ambas. Assim, ocorre uma severa repulsa e uma imediata rejeição às formas de pensar o mundo que decorrem de experiências espirituais.

Também em entrevista à Miranda (2024), o climatologista Paulo Nobre relata uma experiência de seu irmão, Antônio Nobre, que também é cientista e certa vez foi contar ao cacique Davi Kopenawa sobre uma recente descoberta: ele e sua equipe teriam descoberto por que chove na Amazônia. A reação de Kopenawa, no entanto, não foi de surpresa. Muito pelo contrário: revelou para o cientista que o povo Yanomami já sabia daquele fato havia muito tempo. Quando questionado sobre como, respondeu que os espíritos da floresta contaram para seus ancestrais. Paulo Nobre encerra seu relato à Miranda (2024) sobre esse acontecimento com a seguinte fala:

Talvez não seja uma boa hipótese imaginar que os espíritos das florestas sejam uma ilusão dos povos indígenas. Talvez eles sejam uma outra forma de saber. Talvez eles sejam uma outra forma de ser. E nós não vemos, mas os indígenas se comunicam. Então hoje, na minha percepção, nós não estamos mais na posição de julgar o que é e o que deixou de ser. Nós devemos adquirir a postura de humildade de aprender. Aprender com aqueles que podem nos ensinar. Aprender com o saber dos povos originários. E nos fazemos essa pergunta fundamental: onde estão os espíritos da floresta? Será que eles podem nos ensinar caminhos? Será que nós podemos aprender alguma coisa deles? Ou nós já sabemos tudo!? Seria uma bobagem completa nós imaginarmos que sabemos tudo (Miranda, 2024, p. 7)



Urge a necessidade de desviarmos do epistemicídio que universaliza a razão como única forma possível de conhecimento, bem como urge a necessidade de proliferarmos ciências em vez de nos curvamos à Ciência como deidade irrepreensível e totalitarista.

Precisamos construir pouco a pouco novos jeitos de conhecer que se relacionem intimamente com as novas cosmologias, as novas cosmovisões e antropologias mais unitárias. Precisamos superar as divisões dualistas e hierárquicas de de nossas formas de conhecimento e acentuar a conexão e a interdependência entre elas. Precisamos sair do eurocentrismo do conhecimento e das dominações imperialistas da verdade sustentadas pelo mundo ocidental. Trata-se da reconstrução, urgente e necessária, de nossas referências culturais, cósmicas e vitais (Gebara, 1997, p. 31)

Atender ao chamado acima passa pela tarefa de reativarmos a reverência à espiritualidade, considerando-a como forma legítima de conhecimento, e nos relacionarmos com modos de pensar e existir para além daqueles que são dados, desgastados e violentos.

2. Nascente: o que é espiritualidade?

O dicionário Michaelis (2024) apresenta oito definições totalizadoras sobre o que se define o termo “sagrado”. Entre estas, encontramos campos semânticos relativos a doutrinas religiosas, comportamentos e restrições, características adjetivas e adverbiais tomam todos os eixos, tendo abrangência de: “Que não se deve infringir; inviolável”, até “Relativo, inerente ou dedicado a Deus, a uma divindade, religião, culto ou rito; sacro, santo”. Já Adnilson de Almeida Silva (2003, p. 120), cientista com o povo Uru-Eu-Wau-Wau e o grupo Kawahib, prefere definir o sagrado como aquilo que declaradamente ultrapassa as fronteiras do que é conhecido pelos humanos, permitindo alcançar espaços transcendentais.

A transcendência parece ser uma palavra que muito importa quando pretendemos experimentar conceitualizações sobre tudo aquilo que é da ordem do sagrado e, não obstante, do espiritual. Pensando com Dalai Lama, Leonardo Boff (2006) conclui que a espiritualidade é tudo aquilo que causa uma transformação em nós. Ou seja, que de algum modo nos modifica, nos movimenta e nos transcende. No entanto, não para por aí. Para ele, trata-se de mudança alquímica que se revela



como capaz de “dar um novo sentido à vida ou de abrir novos campos de experiência e de profundidade rumo ao próprio coração e ao mistério de todas as coisas” (Boff, 2006, p. 14)

Espiritualidade é, portanto, uma potência que nos leva a nos aprofundarmos em nossas entranhas, levando-nos a encarar as dores e as delícias que somos, bem como nos sensibiliza a tudo aquilo que nos rodeia e nos atravessa. Ou, como diz Milton Nascimento (1986), tudo aquilo que move. A espiritualidade nos coloca em relação. Ou melhor, relações. “A partir do interior, ela desencadeia uma rede de transformações na comunidade, na sociedade, nas relações com a natureza e com o universo inteiro” (Boff, 2006, p. 23)

Nesse sentido, Boff (2006) percebe que a espiritualidade tem algo de íntimo e, simultaneamente, algo de político. Agora, refletindo sobre a vida de Jesus Cristo, o autor observa que ele mudou sua própria vida, deixando a família e peregrinando com seus discípulos e discípulas pelo caminho, mas também fundou uma ética de amor pelo cosmos, consolando e curando pessoas aflitas de mazelas físicas, emocionais e sociais.

Não se trata, no entanto, de uma interferência partidária e filosoficamente comprometida em um estado laico, como presenciamos recentemente no Brasil com a eleição de um presidente que dizia colocar “Deus” acima de todos, ou como notamos em casos de defesa da proibição do aborto ou de casamentos homoafetivos. A espiritualidade não se manifesta no discurso e sim na prática.

Entre tantos grandes místicos, teólogos, indigenistas, poetas e pessoas consideradas hereges de todos os tipos, ainda propomos definir o sagrado como o fator máximo da infraestrutura da existência do Ser sob qual nenhum outro valor pode suplantar, e do qual serve de eixo para toda a movência e potência na vida. Não aquilo que discursivamente é produto ideológico, como materialidade cogno-argumentativa, mas como ponto de inflexão real da *práxis* (πράξις).

Isso significa que o verdadeiro sagrado não se revela pela admoestação e profissão de fé pública de textos sagrados, mas pela articulação do Poder, Saber e Ser e seus resultados materiais e estruturais. Exemplo nítido disso é como o Estado (hoje grande símbolo imperialista e colonial) de Israel em 19 de julho 2019, sob a gestão do genocida Natenyahu, se declarou um “Estado exclusivamente Judeu”, rejeitando sua laicidade, e criando um amplo alicerce burocrático que (a réves de determinações



internacionais) incentiva a contínua invasão de mais territórios palestinos com fins declaradamente colonizadores, algo admitido até mesmo pela mídia burguesa como o site G1 (2018).

Netanyahu na época ainda declarou: “Ultimamente, há pessoas que estão tentando desestabilizar os fundamentos da nossa existência e dos nossos direitos. Então, hoje nós fizemos uma lei em pedra. Este é o nosso país” (G1, 2018), partindo de uma lógica de vitimização e de uma argumentação de disfarçar violências como “defesa” de valores, muito próxima do que o fundamentalismo de Jair Bolsonaro fez.

No Antigo Oriente Próximo, a Tanak, declarada como regra de fé oficial de Israel, apresentava em sua legislação um caráter singular de proteção aos estrangeiros, migrantes, e pessoas despojadas de terras, especialmente pelo apelo de YHWH do povo do deserto nunca esquecer que um dia eram eles que haviam sido escravizados, oprimidos, privados de direitos, sonhos e território, exortados a nunca perderem de vista que foram estrangeiros indigentes por décadas no deserto, dependentes da hospitalidade de nações vizinhas e da graça de sua divindade (cf. De Vaux, 2002, p. 47-49). Todavia, a espiritualidade da *práxis* (πράξις) remonta outra escala de valoração e hierarquia moral, que desbanca coerência com suas declarações, enquanto Estado a serviço dos Impérios do Capital. É como sinal de recusa em esquecer, e estar calados diante do primeiro genocídio colonial midiático que aqui mencionamos: estima-se que mais de 14,5 mil crianças palestinas foram assassinadas, somente na Faixa de Gaza, desde o início do genocídio do Estado bélico contra uma população civil, em busca de expansão territorial (informação de 24/12/2024, admitido até mesmo pela mídia burguesa conivente, como Valor Econômico, 2024; CNN Brasil, 2024, e até mesmo Vatican News, que declarou Gaza um “cemitério infantil”)

Falando sobre o “Manifesto das Águas”, que tipo de espiritualidade permitiria não mencionar que a *Human Rights Watch* declarou Israel tendo “atos de genocídio” ao privar os palestinos de Gaza de acessar o mínimo de água para se sobreviver segundo os padrões da OMS? (segundo a Carta Capital, 2024, e as mídias burguesas como Veja, 2024, e CNN, 2024) [3]. Padrões estes que ainda se baseiam na objetificação da água enquanto recurso privatizável a ser distribuído, completamente passível ao bem-ou-mal-querer dos humanos.



Tomando como paradigma a espiritualidade da majoritária parte do povo palestino, que um dia será livre, lemos no Sagrado Alcorão nas palavras de Muhammad que há três coisas que seu compartilhamento nunca deve ser negado: o gado, o fogo e a água (Mane, 2014). O Nobre Alcorão diz na Surah 'Abassa:

Nós fizemos entornar a água abundantemente, em seguida, fendemos a terra, suficientemente, e, nela fizemos brotar grãos, e videiras e hortaliças, e oliveiras e tamareiras, e pomares entrelaçados, e frutas e pastagens, tudo para gozo de vós e de vossos rebanhos. (Nobre Alcorão 80:25-32[4]).

O Nobre Alcorão, na Surah Al-An'am, chama Allah de o Germinador ("إِنَّا اللَّهُ فَالِقَ") pois: "Ele faz surgir o vivo do morto e extrai o morto do vivo. Isto é Deus! Como, pois, vos desviais?" (Nobre Alcorão 6:95[5]). Segundo o profeta de Allah, e as palavras divinas, os humanos não têm o poder de ter propriedade sobre a criação: sejam seres, entes, ou os territórios aos quais foram eles "enraizados" (وَاسْتَعْمَرَكُمْ, em Surah Hud, Nobre Alcorão 11:61[6]), pois quem é o único verdadeiro possuinte é Allah. Isso torna o ser humano indesculpável de sua responsabilidade de respeito, cuidado, apreço e mordomo do Soberano sobre suas criações (que, ao poderem existir em plenitude, como os pássaros ao se espriguiçar, louvam seu Criador, o que é dito na Surah An-Nur 24:41[7]).

Nessa espiritualidade do Alcorão, segundo Bagader, El-Sabbagh, Al-Glayand e Samarrai (2012), há uma exortação àquilo que denominam *aṭ-ṭakāful*[8] (التكافل), por vezes traduzido como "solidariedade", todavia pelos autores denominado como "simbiose cósmica" que convoca a uma contemplação e meditação de como tudo e todos seres criados em "uma sociedade projetada de forma coesiva", onde o ser humano se vê como parte integrada da natureza e seu sistema de Vida e não fora dela, em busca de um "bem-comum universal" das vidas. Segundo Karolina dos Santos (2020, p. 157), o islam e as islamicidades implicam na ampla conexão dos humanos, naturezas e o universo e prega que "todas as coisas vivas foram criadas com diferentes funções, funções cuidadosamente medidas e meticulosamente equilibradas pelo Criador Todo-Poderoso"

Vivenciar a espiritualidade passa pela tarefa de experimentá-la cosmicamente e, não obstante, amar. bell hooks (2020) defende que o despertar espiritual envolve o amor pelos demais seres que



partilham tempo e lugar conosco, desafiando-nos a nos relacionarmos com eles de modo bonito, forte, sensível, afetuoso e afirmativo. “A vida espiritual tem a ver, em primeiro lugar, com o compromisso com uma forma de pensar e agir que honre os princípios de interconexão e simbiose” (hooks, 2020, p.115)

Assim sendo, considerar a espiritualidade como forma legítima de conhecimento nos desafia a vivenciar histórias de amor que buscam desviar da racional normatividade. Faz-se necessário amar humanos e humanas marginalizados e marginalizadas, bem como seres mais que humanos, a fim de cultivarmos relações com eles e elas que nos transcendem e nos levam a experimentar o que é inefável. É preciso reverenciar o que há de sagrado e inviolável em tudo aquilo que não cabe dentro do espelho a fim de afirmar não apenas a nossa própria vida, como também todas as formas de vida. Aqui e agora, modelando uma epistemologia outra que busca desviar de violências e de totalitarismos, escolhemos nos relacionar com os rios e nos conectarmos com eles, amando-os profundamente e desvendando a potência espiritual que neles há.

3. A Afluente da Tanakh e Bíblia

Na tradição judaico-cristã, há um poder misterioso e enorme nas águas. Sua ancestralidade precede toda e qualquer explicação na literatura da Tanak (ou do Primeiro Testamento). A Torá inaugura suas falas em Bereshit com: “בְּרֵאשִׁית בָּרָא אֱלֹהִים אֶת הַשָּׁמַיִם וְאֶת הָאָרֶץ” (*bārē’sīt bārā’ ’ēlōhîm ’et haššāmayim wə’et hā’āreš*), na qual traduzo[9] como: “nos primórdios criou a divindade os céus e a Terra/terra”. Somente após isso vemos: “וְהָאָרֶץ הָיְתָה תֵהוֹ וּבְהוּ וְחָשֶׁךְ עַל-פְּנֵי תְהוֹם וְרוּחַ אֱלֹהִים מְרַחֶפֶת עַל-” (*wahā’āreš hāyātā tōhû wābōhû wəḥōšek ’al-panê tēhôm warūaḥ ’ēlōhîm mārāḥefet ’al-panê hammāyim*), que pode significar: “assim a Terra/terra era disforme e vazia e a escuridão cobria as faces do murmurante abismo, e o sopro divino pairava calmamente sob as faces das águas”. Assim, o texto sagrado abre indicando que tanto a terra/Terra quanto os céus surgem em um processo de feitura, mas não as águas, essas habitavam o planeta e serviram de matéria para a reorganização das vidas.

A palavra hebraica para água é מַיִם (*māyim*), que em sua forma primária é sempre plural, portanto, sempre “águas”; e que são a gênese dos céus, שָׁמַיִם (*šāmayim*), que está sempre em uma forma



dual (plural de dois). O intenso poder das águas e do duplo céu fundou elementos essenciais da mística judaica, e de narrativas ao longo de todo o corpo da Tanak. Já a primeira aparição dos rios se dá em um capítulo posterior.

Em Bereshit 2.8 se vê: “וַיִּטֵּעַ יְהוָה אֱלֹהִים גַּן-בְּעֵדֶן מִקְדֶּם וַיִּשָּׂם שָׁם אֶת-הָאָדָם אֲשֶׁר יָצָר” (*wayyitta’ YHWH ’ēlōhîm gan-bə’ēden miqqedem wayyasem šām ’et-hā’ādām ’ašer yātsar*), o que traduzo como: “dessa forma plantou YHWH, a divindade, um jardim no Éden, a partir do Oriente, e lá localizou a humanidade que havia modelado”.

O termo עֵדֶן (*’ēden*) parece ter relações com *edinnu* do acadiano, que por sua vez parece vir de *edin*, do sumério, que indicam a ideia de planícies ou estepes que sejam frutíferas e bem irrigadas por rios (Cohen, 2011). Todavia, mais rico ainda é que עֵדֶן (*’ēden*) também significa “prazer”, “delícias”, “extrema alegria”, e deriva do termo דָּן (*’dn*) semanticamente relacionado com deleitar-se e luxuriar-se (Schökel, 2014; Brown, Driver & Briggs, 2006). Essas constantes menções ao prazer e a compreensão da fertilidade do lugar em si são de uma grande profundidade cosmológica, onde a fruição da vida que se expande e aumenta não se dá pela instrumentalização de um “parir/produzir” das árvores, Terra/terra e outros seres, mas também de um “deliciar-se” com a abundância.

Toda a descrição cartográfica do Éden se dá por meio de um rio (נָהָר, *nāhār*) que de lá nasce e se divide em quatro “cabeças”: *pîšōwn*, *gîḥōwn*, *ḥiddeqel* (muitas vezes traduzido por Tigre), e *ṗārāt* (conhecido como Eufrates). Sendo que o último, significa em hebraico literalmente: “frutífero” (Schökel, 2014; Brown, Driver & Briggs, 2006), e sendo o maior e mais extenso rio de toda a Ásia Ocidental que alimentou grandes nações como os Assírios, Persas e Babilônios.

Para povos do deserto de origem nômade o poder que um rio tem sobre sua economia e plena existência é imensurável: a fonte das irrigações das plantações, da hidratação de todos os seres, e que habilitaram nascer destes seres seu leite, sua lã, seus óleos, seus temperos, frutas, legumes, trigos que como disse Chico Buarque e Milton Nascimento (2012) forjar no trigo “o milagre do pão” para se fartarem. Foram os dois grandes vales fluviais do “Crescente Fértil” que puderam reunir concentrações das humanidades, e seres para além destes, em suas organizações econômicas e políticas; lado a lado, uma multiplicidade de seres e os rios nascidos-nascedouros do Oriente Próximo e Norte da África (Gottwald, 1988).



De Vaux (2002, p. 315, 316) comenta que nas espiritualidades ancestrais de toda a região palestina, por suas práticas pastoris e agricultoras, reconheciam na força das águas doces dos rios a “manifestação da presença ou da ação divina nas fontes que fecundam a terra, nos poços que abeberar os rebanhos, nas árvores que testemunham esta fecundidade, nas alturas onde se reúnem nuvens de onde vem a chuva benfazeja”.

Os caminhos fluviais foram um símbolo que costura a literatura sagrada, judaica e cristã, da abundância de YHWH que jorra vida de si a concedendo a tudo e todos de forma límpida (Goodman, 2023; Mauri, 2024). Entre as centenas de episódios narrativos e temas poéticos de diversos rolos da Tanak, o que carrega a carga mais intensa de um poder revitalizador e sacro é no clímax da literatura profética de Yechezkel (conhecido pelos cristãos como Ezequiel).

Perante a tradição judaica, sendo o sétimo livro da segunda parte da Tanak, o profeta teria escrito essa obra durante o exílio babilônico, quando o maior Império político-bélico de toda sua região humilha os hebreus e sua religião destruindo o mais sagrado e amado de todos os lugares de sua história, o Templo. Destituídos dos símbolos de sua identidade, espiritualidade e sofrendo uma pressão esmagadora contra sua fé, YHWH conduz Yechezkel a proclamar mensagens de esperança aos oprimidos e destituídos de poder.

O Templo, chamado de o Monte de YHWH, ao longo da literatura hebraica clássica foi retratado como o encontro entre os céus, a Terra e os abismos, que lembram a todos que a o mundo foi fundado de mares e rios (Salmos 24:1-2), pois lá é a fonte de todos os nascedouros e primaveras (Salmos 87:7), e a fonte da Vida nasce deste Santo Monte (Joel 3:18) com águas que fluem dele (Zedequias 14:8), onde YHWH pessoalmente é “como uma região de rios e canais largos” (Isaías 33:21).

A mais dramática das imagéticas de Yechezkel, no capítulo 47[10], acontece quando ele vê de um novo templo restaurado o fluir de águas que transformam-se em um rio que tornasse a cada passo mais e mais profundo e denso até se tornar impossível de ser atravessado, e por onde tal rio toca águas mortas e salinas tornam-se doces e cheias de vida, vales nascem, desertos somem, borbulham uma abundância de peixes que saciaram as fomes de pescadores, e brotam árvores frutíferas em toda parte que passa.



A santidade dessas águas e seus caminhos fluviais alcançam toda a Terra trazendo cura até aos mais desoladores dos lugares, como o Mar Morto. A plenitude da presença divina é narrada em forma de reidratação que ressoa em primaveras de vidas florescentes (Mauri, 2024; Goodman, 2013; Block, 2001; Myers, 2018).

Há um intenso diálogo intertextual entre a visão do profeta desolado pela colonização imperial e o Éden nas sagradas histórias endêmicas de seu povo. Para estudiosos da literatura semítica e mesopotâmica há no texto de Ezequiel 47:1-12 que narra o reflorescimento das vidas pela expansão torrencial de um rio divino que vem do Templo referências intertextuais e iconográficas com histórias famosas da região (Anthonioz, 2019; Block, 2001; Aster, 2015; Tuel, 2000). A divisão de 4 momentos distintos e graduais da caminhada de atravessamentos do profeta lembram a divisão de 4 “cabeças” do rio do Éden, sendo o 4 um número fortemente ligado a situações de transcendência na literatura mesopotâmica (Anthonioz, 2019). Além da temática do atravessamento impossível de um grande rio, tal qual Gilgameš em seu épico que se vê impedido de alcançar a vida eterna por se deparar com um rio inatravessável, sendo desta vez o inatravessável significando a relação máxima do poder divino em restaurar a vida nos mais desolados lugares (Anthonioz, 2019).

O que pode ser enriquecido tomando em perspectiva que seu próprio nome: “hebreu”, deriva do verbo *עָבַר* (*‘ābar*) que significa atravessar, e advém de uma série de atravessamentos de rios como: Yacov (Jacó) que cruza o Yarden (Jordão) no livro de Bereshit; e o povo reunido, libertos da escravidão do Império de Mitsrayim atravessando o Yam Suf (Mar Vermelho). Para muitos estudiosos, sua visão aponta um retorno para o Éden, o jardim do prazer e da abundância da Vida (Aune, 1999; Earl, 2010; Wright, 2007). Para a tradição cristã, Cristo, nascido na periferia, de uma família proletária e pobre, a imagem de um Deus possível a todos os oprimidos do mundo que viria morrer como preso político, tomará sobre si a imagem (em João 7:37-39) deste Templo se declarando a fonte de águas vivas que restauram e nutrem o mundo onde tocam (Goodman, 2023), descentralizando o Poder elitista sobre a espiritualidade de sua época que manipulava as condições de colonos e pobres do povo, e oferecendo uma outra maneira de se relacionar com uma fé libertadora que se opunha aos cativeiros dos Impérios (Boff, 2014).



4. A Afluente de Oxum

Na série Vozes Atingidas, o Núcleo de Assessoria às Comunidades Atingidas por Barragens nos apresenta a mãe Kel, que mora em São José da Varginha e foi atingida pelo crime ambiental da Vale, cuja ocorrência comprometeu a segurança hídrica de pessoas que se relacionam com o rio Paraopeba. No caso de Mãe Kel, sua dimensão espiritual foi profundamente afetada a partir disso. Mãe Kel é uma mulher negra, trans e mãe de santo da casa de umbanda Ilê Nossa Senhora de Aparecida. Historicamente ocupa uma intersecção entre grupos de pessoas que se encontram em situação de vulnerabilidade e são potencialmente atingidas pelo racismo ambiental. As consequências de crimes e catástrofes lhe atingem de modo mais violento e severamente desproporcional. Para Mãe Kel, há ainda uma outra particularidade em questão: dentro de sua tradição afrobrasileira, ela é filha de Oxum, ou seja, uma orixá reverenciada no candomblé e na umbanda como rainha da água doce. Fortemente conectada ao feminino, Oxum mora nos rios e os governa.

Ora, se a segurança hídrica como um todo se encontra comprometida em decorrência de crimes e catástrofes, conseqüentemente a conexão espiritual com os rios também estará padecendo. “Hoje não posso pegar uma folha para fazer uma sassanha, para um filho de santo meu deitar” (2023). Mãe Kel comenta que antes ia ao rio Paraopeba para fazer oferendas e iniciações, mas a poluição impossibilitou a realização dessas práticas tão tradicionais de sua religiosidade. De acordo com suas palavras, sem dar voltas, diz que o rio está morto. “Oxum grita, Oxum quer vida, Oxum quer água” (2023)

A própria Mãe Kel faz questão de dizer que, para as religiões de matriz africana, o rio é basilar. Na revista Calandu, dedicada a temas que giram em torno da afrorreligiosidade, dos Reis Neto (2021) vai nesse mesmo sentido e afirma tanto a sacralidade das águas para os povos africanos quanto a relevância das mesmas para nossas existências. Essa sacralidade, de acordo com ele, estaria em sintonia com um jeito não ocidental de estar no mundo que, por sua vez, preconiza a percepção cósmica e intimamente conectada das nossas existências.

Tudo isso tem a ver com o que o Bispo (2023) sugere como confluência, que de algum modo seria o oposto daquilo que ele - também - sugere como cosmofofia. Para o autor quilombola, confluência



diz respeito a um compartilhamento, um relacionamento, um envolvimento. Por outro lado, de modo bastante intuitivo, podemos compreender a cosmofofia como uma aversão à conexão cósmica entre seres humanos e mais que humanos. Entre os seres mais que humanos, podemos incluir os rios, com os quais precisamos confluir e dos quais não deveríamos nos repelir.

Ele mesmo recorre aos rios para explicar o que vem a ser confluência. “Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece” (Bispo, 2023, p. 4).

Dentro da cosmovisão afrobrasileira, há uma potencialidade espiritual de vida, fertilidade, ajuntamento, conexão e partilha nas águas doces. Nesse sentido, Lima (2012) traz uma das explicações sobre o que a mitologia diz a respeito a partir de Oxum:

Quando todos os orixás chegaram à terra, organizaram reuniões onde as mulheres não eram admitidas. Oxum ficou aborrecida por ser posta de lado e não poder participar de todas as deliberações. Para se vingar, tornou as mulheres estéreis e impediu que as atividades desenvolvidas pelos deuses chegassem a resultados favoráveis. Desesperados, os orixás dirigiram-se a Olodumare, e explicaram-lhe que as coisas iam mal sobre a terra, apesar das decisões que tomavam em suas assembleias, Olodumaré perguntou se Oxum participava das reuniões e os orixás responderam que não. Olodumaré explicou-lhes então que, sem a presença de Oxum e do seu poder sobre a fecundidade, nenhum de seus empreendimentos poderia dar certo. De volta à terra, os orixás convidaram Oxum para participar de seus trabalhos, o que ela acabou por aceitar depois de muito lhe rogarem. Em seguida, as mulheres tornaram-se fecundas e todos os projetos obtiveram felizes resultados (Lima, 2012, p. 88)

No livro *Mitologia dos Orixás*, ao mencionar esse mesmo mito, Prandi (2001) diz que, com o retorno da presença de Oxum, a vida prosperou. Ou seja, não se trata apenas de fecundá-la para concebê-la, mas se trata de cultivá-la fértil e abundante.

Em uma dissertação de mestrado sobre arquétipos das orixás, Souza (2015) destaca algumas características que permeiam os entendimentos sobre Oxum: dançante, guerreira, amorosa, envolvida com adivinhação, encantadora, bela, feiticeira, vaidosa e, o que muito nos interessa aqui, fecundadora. “Nos mitos de Oxum Ipondá, ela teve apenas um filho, Logumedé. Mas a ela que se



atribuem o poder da fecundidade, é função de Oxum trazer filhos às mulheres” (Souza, 2015, p. 43). Ela prossegue dizendo que, no candomblé, a orixá é acionada por quem tem a intenção de engravidar e não consegue.

Lima (2012) expõe outro mito, no qual a própria Oxum deseja incansavelmente engravidar, mas não consegue. No entanto, em certo momento, após diversas tentativas e frustrações, Orunmilá lhe contou que, finalmente, havia um bebê em sua barriga.

Quando Oxum ficou grávida de três meses, outras mulheres estéreis engravidaram. E, quando a gravidez atingiu o nono mês, nada podia segurar recém-nascidos que vinham ao mundo. Oxum usou ainda seus segredos para baixar as febres de seus filhos. Orunmilá recomendou que as mulheres fizessem oferendas em favor de suas crianças e também de Oxum para demonstrar sua gratidão (Lima, 2012, p. 104)

Em uma homenagem à orixá que leva o nome de Água-Cura, Agbaye e Dias (2020) entram no coro para abordar a relação entre Oxum (escrita no texto em questão como Osun) e fertilidade. “Quem está procurando crianças, mas ainda não recebeu um filho, é a Oşun que deve recorrer. É Osun quem fará isso” (Agbaye e Dias, 2020, p. 41)

Também afirmando Oxum como possibilitadora da vida, Lima (2012) relembra a presença das águas não apenas no ventre, mas também em dois terços de nossos corpos e em aproximadamente 75% do planeta. Ou seja, trata-se dos rios onde mergulhamos e dos rios que nos percorrem, banham nossos hemisférios e se entornam em nós. Apaixonada por flores amarelas, perfumada pelo aroma da alfazema e abanada por seu leque, Oxum torna a vida possível, da semente em diante. Ela irriga, faz germinar, produz frutos suculentos e vivifica o cosmos.

Não se trata de uma fertilidade reducionista, essencializada e instrumentalizada pelo capitalismo. Trata-se de uma fertilidade que ultrapassa os ventres e chega ao território das mentes, umedecendo-as. Em um artigo que se envereda pela escrita da poeta Lívia Natália, Sales (2018) defende que a religiosidade e a poesia afrobrasileiras se banham nas águas de Oxum. Há, para ele, uma potência criativa.

Osun é vida pulsante nas poesias de LN. Nelas, os rios de águas doces, negras, lodosas e profundas nunca se calam. Águas de variadas



temperaturas que reviram tudo. Ora são águas calmas e pacientes... Ora são correntes oceânicas insubmissas. Rios que também escondem correntezas perigosas e segredos. Águas que irrigam a nossa abebelidade. A abebelidade é uma linguagem estética e política com cores, texturas, gestualidades, sonoridades, movimentos corporais e cheiros inspirados em Osun. É um modo de escrever, pensar-agir e reverenciar a nossa ancestralidade ao promover a circulação do axé, da força que dinamiza a vida para que esse mundo não se acabe através da tradição litúrgica negro-africana (Sales, 2018, p. 48)

Do mesmo modo como Sales (2018) fala sobre um pensar-agir, dos Reis Neto (2021) se dedica a investigar como Oxum ajuda a elaborar uma outra ontoepistemologia com o intuito de reencantar o cosmos a partir dos rios e torná-lo vivo. Mais especificamente, em vez de falar em ontoepistemologia, ele prefere se referir a um pensar-viver-água. “A água, em Oxum, nos dá a possibilidade de uma compreensão viva, não-dogmática, de uma outra forma de ser-viver no ayê[11]” (dos Reis Neto, 2021, p. 110)

Em tempos de totalitarismos e mortes, interessa que nos conectemos à vida e a tudo aquilo que nos permite viver, que adia a morte, que germina possibilidades de futuro. dos Reis Neto (2021) se baseia em Simas e Rufino para falar que presenciamos um desencantamento e propor, então, um reencantamento de mundo. Ou, quem sabe, de mundos. Precisamos desviar de represas e poluições a fim de buscar caminhos em que rios se encontrem e confluam juntos em direção à foz onde ontoepistemologias proliferam torrencialmente, se ondulam dançando como Oxum e fertilizam tudo que tocam.

Diante dessa intenção, Oxum de fato muito pode. “ (...) é ela a nossa opção para um projeto de(re)encantamento do mundo” (dos Reis Neto, 2020, p.129). Para além de fazer com que nasça, o amor faz com que renasça. Como Dias e Agbaye (2020) acreditam, há uma potência de cura nas águas. Elas reencantam o que desencantou. “Renascer, renascer, novo espírito, limpo e fresco” (Agbaye e Dias, 2020, p. 27)

Talvez, seja o caso de, como canta Mariene de Castro (2021), despertar nos braços de Oxum, aprender preceitos com ela, deixar-se ser tomada conta pelo brilho de suas pérolas e, então, reencantar a vida de modo fértil, bonito, amável e pulsante.



5 - A afluyente dos povos do grupo Tukano Oriental

Logo na primeira das flechas dos Cadernos Selvagem (2021, p. 2) ouvimos/lemos que o frágil monomundo Ocidental, da qual o Brasil é filho bastardo e rejeitado mesmo que nosso país ainda o idolatre, em seus mecanismos de autodefesa, impõe as sabedorias dos povos indígenas e afro-brasileiras a condição de folclore, mitigando o poder do pluriverso da Vida.

Em seu trabalho “Espiritualidade, Territorialidade: interfaces das representações culturais coletivas indígenas”, que teve enfoque na comunidade Kawahib do Sudoeste Amazônico, Almeida Silva (2003, p. 119) menciona que “Na construção da territorialidade, as memórias dos coletivos indígenas estão associadas à espiritualidade, de modo que transportam a relação de ancestralidade com a materialidade vivida e experimentada na atualidade”. Neste processo a concepção de seu microcosmos das cosmogonias advém anterior a materialidade dos seres e entes, a existência precede a materialidade do existir, conferindo a estes seus valores reais. Ou como foi dito pelos narradores da cosmogonia do Noroeste Amazônico: “Todas as coisas nesta época eram invisíveis: a gente não podia vê-las nem tocá-las” (Pãrökumu & Këhíri, 1995, p. 25).

Desse modo, o conjunto cosmogônico é celebrado, como perpetuação do processo fenomenológico e se circunscreve na forte relação introspectiva, na qual os rituais, as reverências e os valores construídos possam ser mantidos, porque intuitivo e simbolicamente, representa a continuidade do coletivo na realização do espaço de ação e das respectivas representações indígenas. (Almeida Silva, 2003, p. 120)

Partindo desta premissa, convocamos aqui a origem segundo os Desana-Kehíripõrã, também conhecidos como *Umukomasã* (gente do Universo), da família linguística Tukano Oriental. Umusi Pãrökumu e Tõrãmã Këhíri (1995, p. 19) contam que “No princípio o mundo não existia”, mas uma mulher deu à luz a si mesma através de seis objetos misteriosos no meio das trevas, a *Yebá Buró* (Avó do Mundo). Ao criar a Maloca do Universo, nosso planeta, e enquanto mascava ipadu e fumava seu cigarro usou o que estava em sua boca para fazer os “Avôs do Mundo” (*Umukoñehküsuma*) ou “Irmãos do Mundo” (*Umukosurã*), que eram cinco grandes Trovões, que foram morar no Mundo. Em “Antes o mundo não existia” (1995) ficamos sabendo que Yebá Buró convocou os cinco trovões a criar a *luz*, os *rios* e a *futura humanidade*, mas os Umukosurã se esqueceram do pedido da Avó do



Mundo e receberam uma potente advertência dela, a ponto dela ter que delegar esta tarefa a outro ser que fundaria. Todavia, a única coisa que os irmãos trovão conseguiram criar foram os rios. Anteriores a luz e todas as formas de humanos.

Em outra famosa etapa da narrativa, o que viria a ser a humanidade se encontravam na cobra-canoa, também chamada de canoa da transformação, que vinha nadando por debaixo d'água, e que partindo do Lago de Leite fizeram uma épica jornada com diversas paradas em Malocas de Transformação. A humanidade em potencial ainda era *wai-mahsã*, por vezes chamada de “homens-peixe”, mais recentemente descrita como “humanos-invisíveis” que habitam o mundo aquático (Pãrökumu & Këhíri, 1995, p. 29-33; Barreto, 2013, p. 58-67).

Durante a jornada registrada pelos Desana um dos lugares de desembarque e fixação de parte dos jornadaeiros que emana um significado essencial para quem são é a Cachoeira de Iauaretê, ou Cachoeira da Onça, onde as águas dos rios Uaupés e Papuri se banham mutuamente (cf. Pãrökumu & Këhíri, 1995; Barreto, 2013; Andrello, 2012). Tal ponto “cosmográfico” une a história de quem são e a história de onde estão que juntos “permitem a transmissão de uma força de vida ancestral às atuais gerações” (Andrello, 2012, p. 325).

Lá Tarianos (falantes de uma língua Arawak), povos falantes de línguas Tukano Orientais, e um povo da etnia Maku, encontram registrado nas rochas, das pedras alisadas e desenhadas pelas águas, e relevos, parte essencial de quem são, sua história, as batalhas, guerras, acordos, aventuras vividas por seus ancestrais que fundaram suas práticas, rituais, ideais, vontades e sagrados (Andrello, 2012; IPHAN, 2021). Lá, tanto as águas que se jogam e correm, quanto as próprias narrativas que com elas fluem e escorrem vívida e incessantemente, são o “verdadeiro patrimônio imaterial” (Andrello, 2012, p. 310).

Diegues (2007, p. 2, 3) no I Encontro Internacional sobre Governança da Água já mencionava que a ideia de território “não é definido somente pela extensão territorial e os recursos naturais nele existentes mas também pelos símbolos que representam a ocupação de longa data”, e “os rios, riachos, lagos, córregos, poços (e para as populações litorâneas, a praia eo mar) desempenham um papel fundamental para a produção e reprodução social e simbólica do modo de vida”. Chega a ser incomparável os valores que sociedade urbano-industriais e as originárias atribuem às águas, para



a primeira, somente um recurso a ser capitalizado, à segunda um ponto de inflexão do sagrado (Diegues, 2007).

A água é um dos elementos centrais da reprodução não somente material mas também simbólica dos povos indígenas e comunidades tradicionais. Ela está presente em inúmeros mitos de criação dessas populações, da qual as divindades separaram as terras firmes. Também aparece nos mitos criadores das próprias sociedades, muitas vezes como dádiva dos deuses aos antepassados. Presente na criação do mundo, as águas são consideradas dádivas divinas abundantes e por isso mesmo o seu desaparecimento significa o fim da própria sociedade (Diegues, 1998) (Diegues, 2007, p. 1)

Algo essencial que a ontologia de todas as formas de humanos dos Tukano, essencialmente ligado às águas, é sua imensa potência de constante transformação, especialmente durante a época cosmogônica, mas ainda retida no cerne da natureza dos variados tipos de humanos, disserta o Dr. João Paulo Barreto (2013), da etnia Tukano segundo suas cosmologias.

Os *wai-mahsã*, esses humanos em potencial, habitantes deste mundo aquático (*ahkó-pati*, que dimensiona três espaços: *mariakã* (igarapé), *dihtara* (lago) e *mari* (rio)) de onde emergiu a cobra-canoa, darão origem a um grupo da humanidade chamado *pamuri-mahsã* que são: “Tukano, Kubeo, Wanana, Tuyuka, Pira-tapuya, Mirititapuya, Arapaso, Karapanã, Bará, Siriano, Makuna, Hupda, Yuhupde e Dow”, e “outros grupos pertencentes às famílias lingüísticas Aruak e Maku” (Barreto, 2013, p. 62); mas não unicamente, pois pela “natureza transformacional” dos *wai-mahsã*, podem assumir roupagens, e com elas habilidades, de peixes, pássaros e humanos (*Idem*, p. 60).[12]

Algo, essencialmente característico da relação espiritual do Noroeste Amazônico e povos do Alto Rio Negro, como do grupo Tukano Oriental entre outros, é que dentro da perspectividade ontológica dos seres e entes, há possibilidade através das práticas xamânicas de metamorfoses e diálogos intercósmicos (Gutierrez-Choquevilca, 2017; Heurich, 2020; Ramos & Epps, 2018): pode-se assessorar a perspectiva de um ser mais-que-humano, de uma onça, de um peixe, uma planta, e até mesmo de um rio “em razão do universo relacional intrínseco em que a existência de tudo é integrante do todo e essa condição implica a representação do microcosmo espiritualizado” (Almeida Silva, 2013, p. 129). Tomando essa possibilidade, as sensibilidades e pensamentos dessa força ancestral são passíveis de afetações e atravessamentos em quem eles são com ainda maior potência.



6 - Foz de tudo: a voz dos rios como desdobramento flúvio-epistêmico.

O escritor D. H. Lawrence reclama o fato de que transformamos aquilo que classificamos como natureza como um mero plano de fundo que coadjuva nossas existências, demasiadamente humanas e individualizadas. Para ele, deflagramos uma perda cósmica, que se caracteriza como nossa maior tragédia. No entanto, não para por aí. Ele mesmo nos convoca para reativamos nossa conexão com os demais seres e forças. “Agora, precisamos recuperar o cosmo” (Lawrence, 1990, p. 37)

Em distintas e diversas manifestações de espiritualidade, os rios aparecem como seres ativos a agentes que convivem conosco e cocriam possibilidades de vida em uma dimensão cósmica. Fertilizam tudo que tocam, são povoados por existências e saciam a sede de gentes e terras. Na Tanakh, desviam de injustiças e desigualdades como desviam de pedras. Na espiritualidade de matriz africana, confluem e reencantam. Para os povos indígenas, nos conectam à ancestralidade. No livro *Futuro Ancestral*, o filósofo indígena Ailton Krenak (2022) diz que precisamos aprender a escutar os rios. Em sua dissertação de mestrado, Célia Xakriabá (2018), por sua vez, lamenta a falta do rio para seus povos e diz que a ausência de histórias com eles causaram verdadeiras fraturas identitárias.

Talvez o aprendizado de viver com os rios e escutá-los passe pela tarefa de olhar para aquilo que as dimensões espirituais dizem sobre suas potencialidades, validá-las como formas de criar mundos possíveis e considerar a relação com os rios como um jeito de pensar e de viver que não se encerra entre as margens da represa da racionalidade. Muito pelo contrário, a espiritualidade flui rumo à foz, despenca em cachoeiras, canta quando passa pelas pedras, dá de beber a bichos e deságua torrencialmente.

Ouvir o que os rios têm a dizer, bem como viver com eles, nos leva a experimentar uma ontoepistemologia outra que busca desviar de colonizações; que pertence às ciências, intencionalmente escritas no plural e no diminutivo; que se esforça para escapar do epistemicídio, do genocídio e do ecocídio; que ative nossa conexão cósmica e espiritual com seres e forças tanto tangíveis quanto encantados; que, também e sempre, nos leve a acreditar que a vida ainda é possível.



Bibliografia:

AGBAYE, Oba Ojele Obàtálá; DIAS, Susana. **Água-cura: uma homenagem a Osun**. Campinas: Unicamp, 2020.

ANDRELLO, Geraldo. Histórias tariano e tukano: política e ritual no rio Uaupés. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 55, n. 1, 2012. DOI: [10.11606/2179-0892.ra.2012.46967](https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2012.46967). Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/46967>. Acesso em: 22 jan. 2025.

ANTHONIOZ, S. Mythological Crossings in Ancient Near East. **Frontières**, v. 1, 2019. Disponível em: <http://journals.openedition.org/frontieres/124> . DOI: <https://doi.org/10.35562/frontieres.124> . Acesso em: 22 jan. 2025.

ASTER, S. Z. Ezekiel's Adaptation of Mesopotamian Melammu. **Welt des Orients**, v. 45, p. 10-22, 2015.

AUNE, D. E. **Revelation 17-22**. Nashville, TN: Thomas Nelson, 1999.

BAGADER, A.; EL-SABBAGH, A.; AL-GLAYAND, M.; SAMARRAI, M. Proteção ambiental no Islã (Parte 1 de 7): uma introdução geral. **IslamReligion**, 19 fev. 2012. Disponível em: <https://www.islamreligion.com/pt/articles/307/viewall/protecao-ambiental-no-islam-parte-1-de-7> . Acesso em: 16 dez. 2024

BARRETO, João Paulo Lima. **Wai-Mahsã: peixes e humanos: Um ensaio de Antropologia Indígena**. 93 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

BLOCK, D. I. Divine Abandonment: Ezekiel's Adaptation of an Ancient Near Eastern Motif. In: ODELL, M. S.; STRONG, J. T. (Org.). **The Book of Ezekiel**. Atlanta: SBL, 2001.

BÍBLIA. Bíblia Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida Corrigida e Fiel. São Paulo: SBB, 2016.

BÍBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A Terra Dá, A Terra Quer**. São Paulo: Ubu Editora, 2023.

BOFF, Leonardo. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro: Sextante, 2006.

BOFF, Leonardo. **Teologia do Cativo e da Libertação**. São Paulo: Editora Vozes, 7 ed, 2014.

BUARQUE, Chico; NASCIMENTO, Milton. O Cio da Terra. **Umas e Outras**, 2012. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/0U8hhD6weuUB2Xor8qP9Jy?si=30cbef4293ac4fcf> Acesso em: 18 dez 2024.

CADERNOS SELVAGEM. **A Serpente e a Canoa, Flecha 1**. Dantes Editora Biosfera, 2021.



CARNEIRO, Aparecida Sueli. **A construção do outro como não-ser como fundamento do ser**. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARTA CAPITAL. HRW acusa Israel de atos de genocídio por restringir acesso à água em Gaza. Carta Capital, 2024. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/mundo/hrw-acusa-israel-de-atos-de-genocidio-por-restringir-acesso-a-agua-em-gaza/>. Acesso em: 20 jan. 2025

CASTRO, Mariene de. Abiã. 2021. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/1wr5ArnsSNEfbb1qvKQpKp?si=57E2JXWITzykWKIX3BVNog>; Acesso em: 18 dez 2024.

CHOURAQUI, André. **La Bible**. Paris: Desclée de Brouwer, 1986. Disponível em: <https://nachouraqui.tripod.com/index.htm>

CNN Brasil. Uma criança morre a cada hora em Gaza, alerta diretor de agência da ONU. CNN Brasil, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/uma-crianca-morre-a-cada-hora-em-gaza-alerta-diretor-de-agencia-da-onu/>. Acesso em: 22 jan. 2025.

DAVIDSON, Benjamin. **The Analytical Hebrew and Chaldee Lexicon**. 15^a ed. Peabody: Hendrickson Publishers, 2014.

DE VAUX, Roland. **Instituições do Antigo Testamento**. Tradução de Henrique Moura. São Paulo: Paulus, 2002.

DIEGUES, Antonio Carlos. Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras. **ENCONTRO INTERNACIONAL: GOVERNANÇA DA ÁGUA**, v. 1, p. 01-10, 2007.

DOS REIS NETO, J. A.. Pensar-Viver-Água em Oxum para (Re)Encantar o Mundo. **Revista Calundu**, vol. 4, n. 2, jul-dez, 2020.

EARL, D. S. **Reading Joshua as Christian Scripture**. Winona Lake, IA: Eisenbrauns, 2010.

G1. Israel aprova lei que o define como estado-nação do povo judeu. [S.I.], 19 jul. 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2018/07/19/israel-aprova-lei-que-o-define-como-estado-nacao-do-povo-judeu.ghtml>. Acesso em: 22 jan 2025

GEBARA, Ivone. **Teologia Ecofeminista: Ensaio para repensar o conhecimento e a religião**. São Paulo: Olho d'Água, 1997.

GOODMAN, P. W.. Waters that Witness: How the Bible's Rivers Help Convey its Message. **Biblical Theology Bulletin**, 53(1), 42-56. 2023. DOI: <https://doi.org/10.1177/01461079231154593>

GONZAGA, Álvaro. **Decolonialismo Indígena**. São Paulo: Matrioska, 2022.

GOTTWALD, Norman K. **Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica** (trad. Anacleto Alvarez) São Paulo: Paulus, 1988.



GUTIERREZ CHOQUEVILCA, Andrea-Luz. La contagion des images: voix enchâssées et dispositifs sensoriels dans un rituel chamanique amérindien. **Hybrid. Revue des arts et médiations humaines**, n. 4, 2017.

HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L.; WALTKE, Bruce K. **Dicionário internacional de Teologia do Antigo Testamento**. Tradução de Márcio Loureiro Redondo, Luiz Alberto Sayão, Carlos Osvaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova, 1998

HEURICH, Guilherme Orlandini. Broken words, furious wasps. How should we translate the sonic materiality of Araweté ritual singing?. **Journal de la Société des américanistes**, v. 106, n. 106-1, p. 105-126, 2020.

hooks, bell. **Tubro sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.

KÊHÍRI, Tõrãmũ; PÃRÕKUMU, Umusí. **Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kehiripõrã**. FOIRN-Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro; UNIRT-União das Nações Indígenas do Rio Tiquié, 1980.

KOEHLER, Ludwig; BAUMGARTNER, Walter. **The Hebrew and Aramaic Lexicon of the Old Testament**. Leiden: Brill, 2000.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

LAWRENCE, D. H. **Apocalipse seguido de O Homem que Morreu**. São Paulo: Companhia das Letras. 1990.

LIMA, Luís Felipe. **Oxum: a mãe da água doce**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

MICHAELIS. Dicionário brasileiro da Língua portuguesa. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso em: 23 dez. 2024.

MIRANDA, Emanuely. Experimentando a relação entre modelagem climática, saberes indígenas e ciência do amor. **Climacom**, Campinas, 2 de ago de 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/paulo-nobre2/>. Acesso em: 6 nov. 2024.

MIRANDA, Emanuely. “Podemos sim mudar e revitalizar a terra” - Entrevista com Valdelice Verón, liderança indígena Guarani Kaiowá. **Climacom**, Campinas, 30 de jun de 2024. Disponível em: <https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/valdelice-veron/>. Acesso em: 13 dez de 2024

MYERS, C. **Prophetic Visions of Redemption as Rehydration: A Call to Watershed Discipleship**. Anglican Theological Review, v. 100, n. 1, p. 61-77, 2018.

NACAB. **Vozes Atingidas - Relatos do Paraopeba**. Youtube, 5 de setembro de 2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=coTFXJn0oHo&ab_channel=Nacab. Acesso em 16 dez 2024.



NASCIMENTO, Milton. Amor de Índio. Ao Vivo. **A Barca dos Amantes**. 1986. Spotify. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/08bdkRv050KxNERc6mYb5X?si=7035e9bff8054ad8> . Acesso em: 18 dez 2024

PRANDI, Reginaldo. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QURAN.COM. O Nobre Alcorão. Disponível em: <https://quran.com/pt> . Acesso em: 13 dez. 2024

SALES, Cristian. Lívia Natália: Abébé Omin - poesia e religiosidade afro-brasileira banhada nas águas de Oxum. Sankofa. **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana** Ano XI, NºXXI, setembro, 2018.

SANTOS, K. A influência da natureza nas interfaces do Islã. **Sacrilegens** , [S. l.], v. 17, n. 2, p. 156–168, 2020. DOI: 10.34019/2237-6151.2020.v17.33099. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/33099> . Acesso em: 22 jan. 2025.

SCHÖKEL, Luís Alonso. **Dicionário Bíblico Hebraico-Português**. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2014.

SEFARIA. Tanakh. Disponível em: <https://www.sefaria.org/texts/Tanakh> . Acesso em: 16 dez. 2024

SILVA, Adnilson de Almeida. ESPIRITUALIDADE, TERRITORIALIDADE: INTERFACES DAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS COLETIVAS INDÍGENAS. **RAEGA** - O Espaço Geográfico em Análise, [S. l.], v. 27, 2013. DOI: 10.5380/raega.v27i0.30420. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/30420> . Acesso em: 22 jan. 2025.

TANNO, Sophie. ONG internacional acusa Israel de genocídio por bloqueio de água em Gaza. **CNN Brasil**, 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/ong-internacional-acusa-israel-de-genocidio-por-bloqueio-de-agua-em-gaza/> Acesso em: 20 jan. 2025

RAMOS, Danilo Paiva; EPPS, Patience. Caminhos de sopro: discurso xamânico e percursos florestais dos Hupd'äh. **Mana**, v. 24, p. 161-198, 2018.

SILVA, Nádia. **Decolonização Epistêmica na Perspectiva Negro Brasileira**. Tese (Doutorado) - Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia. Salvador, p. 461, 2018.

SOUZA, Larissa. Mito, História e Individuação do feminino no candomblé: As imagens arquetípicas da guerreira, da amante e da mãe - Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões, Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, p. 167, 2015.

STENGERS, Isabelle. Reativar o Animismo. **Caderno de leituras**, v. 62, p. 1-15, 2017.

TUTU, Desmond. **No Future Without Forgiveness**. Londres: Rider, 1999.

VATICAN NEWS. Gaza tornou-se um cemitério infantil. Cidade do Vaticano, 2024. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/mundo/news/2024-06/21-mil-criancas-perdidas-em-gaza.html> . Acesso em: 20 jan. 2025



VALOR ECONÔMICO. Uma criança morta a cada hora na Faixa de Gaza, diz agência de ONU. Valor Econômico, 24 dez. 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/mundo/noticia/2024/12/24/uma-crianca-morta-a-cada-hora-na-faixa-de-gaza-diz-agncia-de-onu.ghtml>. Acesso em: 20 de jan. 2025

VEJA. Human Rights Watch acusa Israel de genocídio por restringir acesso à água em Gaza. Veja, 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/human-rights-watch-acusa-israel-de-genocidio-por-restringir-acesso-a-agua-em-gaza>. Acesso em: 20 jan. 2025

Wright, N.T. Surprised by Hope. London: SPCK, 2007.

XAKRIABÁ, Célia. **O barro, o Genipapo e o Giz no Fazer Epistemológico de Autoria Xakriabá:** Reativação da Memória por uma Educação Territorializada. 2018. 218 f., il. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável)—Universidade de Brasília, 2018.

Recebido em: 15/02/2025

Aceito em: 15/05/2025

[1] Mestre em Divulgação Científica e Cultural pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), jornalista da ClimaCom, bolsista TT Fapesp no projeto INCT-Mudanças Climáticas Fase 2 financiado pelo CNPq (465501/2014-1), FAPESP (2014/50848-9) e CAPES (16/2014), sob orientação de Susana Dias. Integra o coletivo e grupo de Pesquisa: multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Email: emanuelymiranda.em@gmail.com

[2] Professor da rede municipal de ensino de Monte Mor, e professor de hebraico clássico. Mestre em Linguística (ênfase em Línguas Indígenas) pelo IEL/UNICAMP, pós-graduado em Tradução, licenciado em Língua Portuguesa e Inglesa, bacharel em Teologia. Atualmente pesquisa nas áreas de: decolonialidade, antropologia linguística, literatura hebraica clássica, línguas indígenas brasileiras. Integrante do coletivo e grupo de Pesquisa: multiTÃO: prolifer-artes sub-vertendo ciências, educações e comunicações (CNPq). Esposo de Emanuely Miranda. Email: gabriel.dgruber@gmail.com

[3] Desmond Tutu (1999, p. 31), arcebispo sul-africano nos tempos de Mandela escreve: "If you are neutral in situations of injustice, you have chosen the side of the oppressor."

[4] Pela sacralidade da língua original do Nobre Alcorão, indicada pelo profeta Mohammad em suas páginas, e seu tradutor para o português, segue aqui o original do verso para acompanhar a tradução do Dr. Helmi NASR: **أَنَا صَبَبْنَا الْمَاءَ ُصَبًّا ثُمَّ شَقَقْنَا الْأَرْضَ شَقًّا فَأَنْبَتْنَا فِيهَا حَبًّا وَعَيْنًا وَقَطْبًا وَزَيْتُونًا وَنَخْلًا وَخَدَائِقَ غ**

إِنَّا اللَّهُ فَالِقُ الْخَبِّ وَالنَّوَى يُخْرِجُ الْحَيَّ مِنَ الْمَيِّتِ وَمُخْرِجُ الْمَيِّتِ مِنَ الْحَيِّ ۚ ذَلِكُمْ اللَّهُ فَآتَىٰ تَوْفِكُونَ

[6] **وَإِلَىٰ تَمُودَ أَخَاهُمْ صَالِحًا ۚ قَالَ يَنْقُومِ اعْبُدُوا اللَّهَ مَا لَكُمْ مِنْ إِلَهٍ غَيْرُهُ ۚ هُوَ أَنْشَأَكُمْ مِنَ الْأَرْضِ وَاسْتَعْمَرَكُمْ فِيهَا فَاسْتَغْفِرُوهُ ثُمَّ تُوبُوا إِلَيْهِ ۚ إِنَّ رَبِّي قَرِيبٌ مُجِيبٌ ۝ ٦١**



Tradução do texto acima: “E ao povo de Samud enviamos seu irmão Sáleh, que lhes disse: Ó povo meu, adorai a Deus porque não tereis outra divindade além d'Ele; Ele foi Quem vos criou a terra e nela vos enraizou. Implorai, pois, Seu perdão; voltai a Ele arrependidos, porque meu Senhor está próximo e é Exorável.”

[7] Tradução do texto acima: “*لَمْ تَرَ أَنَّ اللَّهَ يُسَبِّحُ لَهُ مَنْ فِي السَّمَوَاتِ وَالْأَرْضِ وَالطَّيْرِ صَفَّيْتُ كُلِّ قَدْ عَلِمَ صَلَاتَهُ وَتَسْبِيحَهُ وَاللَّهُ عَلِيمٌ بِمَا يَفْعَلُونَ*” [7] Não reparas, acaso, em que tudo quanto há nos céus e na terra glorifica a Deus, inclusive os pássaros, ao estenderem suas asas? Cada um está ciente do seu (modo de) orar e louvar. E Deus é Sabedor de tudo quanto fazem.”

[8] A partir daqui nos utilizaremos do padrão de transcrição oficial para línguas semíticas para suas transformações em estilo românico: Dicionário de Transliteração (2024), *The SBL Handbook of Style* (2014), *ISO 259:1984 - Documentation - Transliteration of Hebrew characters into Latin characters* (1984).

[9] Produzo as traduções a seguir a partir dos materiais e métodos descritos na Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1997), com o auxílio axial dos léxicos e dicionários de Davidson (2014); Schökel (2014); Harris, Archer e Waltke (1998); Koehler e Baumgartner (2000), e da tradução de André Chouraqui (1986).

[10] Proponho aqui uma possibilidade de tradução dos versos 1 a 12 do capítulo 47 de Ezequiel usando os métodos e materiais descritos na última nota de rodapé (cf. nota 6), adicionamos a estes comentários de tradução em parênteses ao longo do texto:

“E ele me retornou à entrada do Templo e eis que águas irrompiam por debaixo do limiar do Templo mirando o Oriente, pois as faces do Templo miravam o Oriente (*a direção do Éden*), e as águas desciam em sua jusante sob o lado direito do Templo, ao sul do altar. Em seguida, me fez irromper pelo portão norte, e me levou a dar a volta o caminho exterior até o portão exterior, o caminho das faces que miram o Oriente, e eis que as águas corriam do lado direito. E em irromper para o Oriente, quem me conduzia tinha um cordel em suas mãos que estendeu por mil côvados (*cerca de 660 metros*), e me fez atravessar as águas, que estavam na altura dos tornozelos. Então, estendeu por (*mais*) mil côvados, e me fez atravessar as águas, que estavam na altura dos joelhos; após isso, estendeu por (*mais*) mil côvados, e me fez atravessar as águas, que estavam na altura dos quadris. Estendeu por (*ainda mais*) mil, e era um rio que me era impossível de ser atravessado, pois de tão triunfantes que as águas eram, águas de se nadar, um rio inatravessável. E disse a mim: “Viste, filho-da-humanidade?”. E me fez caminhar e retornar aos lábios-margem do rio. Em meu retorno, e eis que havia nos lábios-margem do rio uma grande abundância de árvores de um lado e de outro. E me disse: “estas águas que irrompem à região oriental e descem ao Arabá (*região do Baixo Rio Jordão*) e então entram no Mar (*referência ao Mar Morto*), e ao entrarem no Mar curadas serão suas águas! E será que todos os seres (*folegadores*) viventes, que se movem, por onde quer que entrem estes rios (*sim, agora no plural*), viverá! E haverá uma grande abundância de peixes, pois lá chegarão estas águas, e serão curadas (*uma possibilidade de tradução é salubres*), e viverá tudo por onde quer que entrar este rio. E haverá pescadores de pé desde o En-gedi até En-eglaim (*regiões desérticas próximas ao Mar Morto*) que estenderão suas redes, e seus peixes serão dos mesmos que o Grande Mar (*referência ao Mar Mediterrâneo*) em grande abundância. E seus lugares enlameados e pantanosos, não serão salubrificadas, antes, serão deixados como reservas de sal. Então, junto ao rio, junto às margem-lábios, de um lado ao outro, nascerão todo tipo de árvores de se alimentar, não cairão suas folhas, nem se completarão seus frutos (*termo original próximo ao nome do último dos rios do Éden*), e a cada mês nascerão, pois suas águas do Santuário estão irrompendo, seus frutos alimentarão e suas folhas serão remédios!”

Segue o texto original da tradução acima, retirado a Bíblia Hebraica Stuttgartensia (1997):

וַיֵּשְׁבֵנִי אֶל־פֶּתַח הַבַּיִת וְהִנֵּה מַיִם יֹצְאִים מִתַּחַת מִפְתָּן הַבַּיִת קִדְמָה כִּי־פָנִי הַבַּיִת קִדְמִים וְהַמַּיִם יֵרְדִים מִתַּחַת מִכְתָּף הַבַּיִת הַיְמָנִית מִן־בֵּן לַמִּזְבֵּחַ
וַיֹּצֵאֵנִי דֶרֶךְ־שָׁעַר צְפוֹנָה וַיְסַבֵּנִי דֶרֶךְ חוּץ אֶל־שָׁעַר הַחוּץ דֶּרֶךְ הַפּוֹנֶה קִדְמִים וְהִנֵּה מַיִם מִפְּכִּים מִן־הַכֶּתֶף הַיְמָנִית
בְּצֵאת־הָאִישׁ קִדְמִים יָקוּ בְּיָדוֹ וַיֵּמַד אֶלֶף בְּאֵמָה וַיַּעֲבֵרֵנִי בְּמַיִם מִי אֶפְסָיִם
וַיֵּמַד אֶלֶף וַיַּעֲבֵרֵנִי בְּמַיִם מִיִּם בְּרָכִים וַיֵּמַד אֶלֶף וַיַּעֲבֵרֵנִי מִי מִתְּנִים
וַיֵּמַד אֶלֶף נָחַל אֲשֶׁר לֹא־אֵכָל לַעֲבֹר כִּי־גָאוּ הַמַּיִם מִי שָׁחוּ נַחַל אֲשֶׁר לֹא־יַעֲבֹר
וַיֹּאמֶר אֵלַי הֲרָאִיתָ בְּנ־אָדָם וַיֹּלְכֵנִי וַיִּשְׁבֵּנִי שְׂפַת הַנָּחַל



בְּשׁוּבִי וְהִנֵּה אֶל־שִׁפְתַּת הַנָּחַל עֵץ רַב מְאֹד מִזֶּה וּמִזֶּה
וַיֹּאמֶר אֵלֵי הַמַּיִם הָאֵלֶּה יוֹצְאִים אֶל־הַגְּלִילָה הַקְּדֻמוֹנָה וַיֵּרְדוּ עַל־הָעֲרֶבָה וַיָּבֹאוּ הַמַּיִם אֶל־הַיָּמָה הַמוֹצְאִים וַיִּנְרְפֹאוּ הַמַּיִם
וְהָיָה כָּל־נֶפֶשׁ חַיָּה אֲשֶׁר־יִשְׁרָץ אֶל כָּל־אֲשֶׁר יָבֹא שָׁם נִחְלִים יַחְיֶיהָ וְהָיָה הַדָּגָה רַבָּה מְאֹד כִּי בָּאוּ שְׁמֵה הַמַּיִם הָאֵלֶּה וַיִּנְרְפֹאוּ וְחִי כָּל־אֲשֶׁר־יָבֹא
שְׁמֵה הַנָּחַל
וְהָיָה (יַעֲמָדוּ) עָלָיו דְּגָיִים מֵעֵין גְּדִי וְעַד־עֵין עֲגָלִים מִשְׁטוֹחַ לַחֲרָמִים יִהְיוּ לְמִינֵהָ תִּהְיֶיהָ דָּגָתָם כְּדָגַת הַיָּם הַגָּדוֹל רַבָּה מְאֹד
בַּצֹּאֲתוֹ וּבְגִבָּתוֹ וְלֹא יִרְפָּאוּ לְמַלַּח כְּתָנוּ
וְעַל־הַנָּחַל יַעֲלֶה עַל־שִׁפְתּוֹ מִזֶּה א וּמִזֶּה א כָּל־עֵץ־מֵאֲכָל לֹא־יָבֹל עָלָיו וְלֹא־יָתֵם פְּרִיֹו לְחֹדֶשְׁשׁוֹ וַיִּבְרָר כִּי מִיָּמָיו מִן־הַמִּקְדָּשׁ הָמָּה יוֹצְאִים (וְהָיָה)
[וְהָיָה] פְּרִיֹו לְמֵאֲכָל וְעָלָיו לְתִרּוּפָּה

[11] Para a mitologia iorubá, trata-se do mundo físico.

[12] Interessante mencionar, até mesmo o *pehkasu* (potencial humano branco) esteve na cobra-canoa, segundo os Tukano, e foi um habitante do mundo aquático em sua jornada, mas ao desembarcar sua pulsão o levou a escolher uma arma de fogo, desde sua origem há volúpia bélica nos brancos, o que fez o demiurgo dos Tukano, *Yepa-oãku*, o fazer retornar para o além-mar onde ouviu do herói que o fez retornar: “lá construirás armas e inventarás coisas para satisfazerem seus desejos, porém não serás uma pessoa realizada e feliz, pois viverás em guerra entre seus próprios filhos e irmãos” (Barreto, 2013, p. 63). Um ótimo resumo do impulso do Capital Imperialista da colonização parasita que se expande cancerigenamente na história dos continentes, maculando e instrumentalizando a África, Ásia, Américas e o Oriente Médio em prol do sagrado dos brancos, o Lucro.